As Políticas radiofônicas do MST no cotidiano da Rádio Terra Livre FM[1]

Joel Felipe Guindani[2]

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS / Doutorando

Resumo: Busca refletir sobre a tensão deflagrada entre demandas do cotidiano dos ouvintes e o funcionamento da Rádio Terra Livre FM na sua relação com as Políticas radiofônicas do Movimento Sem Terra (MST). A Rádio Terra Livre FM, desenvolvida por agricultores assentados, ao mesmo tempo em que pretende fidelidade às políticas radiofônicas do MST, depara-se com as demandas do cotidiano, que para alguns locutores transgridem sua condução política/politizante. Considera a especificidade da tecnologia radiofônica e identificam-se as teses de Michel Maffesoli: da primazia do cotidiano sobre a instituição e do presente plural sobre o projeto político e linear.

Palavras-chave: Cotidiano; Rádio Comunitária; Movimento Sem Terra.

Introdução

A intenção é analisar, juntamente com a noção de cotidiano proposta por Michel Maffesoli (1988) e autores da teoria radiofônica, focos de tensão no funcionamento da Rádio Terra Livre FM; veículo de comunicação localizado num assentamento rural conquistado pelo Movimento Sem Terra (MST). Ao longo dos seus 14 anos, a Terra Livre FM saiu do ar por mais de seis vezes. O motivo mais recorrente, além de problemas econômicos, foi o desentendimento político, como salienta Pereira, locutor do Jornal Terra Livre: "[...] muitos ouvintes pedem uma coisa, mas a nossa linha política quer outra"[3]. O funcionamento desta emissora é problematizado neste artigo por três lógicas: políticas radiofônicas representadas pelo documento 'As Rádios do MST', formulado pelo Setor Nacional de Comunicação do MST; especificidades da tecnologia

[1]Trabalho apresentado ao GP Rádio e Mídia Sonora, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutorando em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista Capes. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS-RS). E-mail: j.educom@gmail.com.

[3]O nome dos entrevistados foi substituído por codinomes. Da mesma forma, não será explicitado o endereço da emissora, pois, mesmo após oito tentativas de regulamentação junto ao Ministério das Telecomunicações, esta emissora sofre repressão dos órgãos fiscalizadores.

radiofônica e demandas do cotidiano dos ouvintes, como informações locais, músicas do momento, participação e gestão comunitária, etc.

A metodologia centrou-se em entrevistas com lideranças nacionais do MST e grupo focal com os locutores da Terra Livre FM, onde debateram sobre o documento 'As Rádios do MST' na relação com o funcionamento desta emissora. Algumas perguntas motivaram a discussão: Porque existe essa tensão entre o documento 'As Rádios do MST' e a Rádio Terra Livre FM quando esta pretende atender as demandas do cotidiano dos ouvintes? Porque as formulações político-radiofônicas do MST encontram resistência ou, por vezes, atrapalham o funcionamento político desta emissora?

Identificam-se nesta problemática as teses de Maffesoli (1988): da primazia do cotidiano sobre a instituição e do presente, plural, sobre o projeto político e linear. Pois o funcionamento da Rádio Terra Livre FM move-se a partir das reivindicações do cotidiano dos ouvintes, que exigem certa autonomia do modo de ser desta emissora mediante a direcionalidade política requerida pelas orientações documentais aqui debatidas. O rádio, na sua complexidade técnica (FERRARETO, 2001; COGO, 2004; HAUSSEN, 2004), como linguagens, formatos, tempo, etc., também se apresenta como um dos objetos que causam tensão para o funcionamento político desta emissora.

Sobre a noção de cotidiano de Michel Maffesoli

A noção de cotidiano é uma apropriação a partir das contribuições teóricas de Maffesoli (1988) e é identificada, neste artigo, sob uma dupla percepção: espaço de descoberta para construção de conhecimento sobre o fenômeno investigado e como um dos objetos de tensão - como as demandas dos ouvintes - para o funcionamento político desta emissora.

A intenção deste artigo não é utilizar a noção de cotidiano como um conceito teórico – que o próprio Maffesoli rejeita - mas na relação e em construção com o empírico (a própria estrutura do artigo é edificada na não separação entre o teórico e o empírico). Para este autor, o esclarecimento da noção de cotidiano deve partir do vivido e elaborado na socialidade (MAFFESOLI, 1988). Seguindo esta proposta, o entendimento da noção de cotidiano é tecido, neste artigo, na relação com o contexto investigado, sobretudo, no diálogo deste autor com o grupo de locutores da Terra Livre FM sobre a problemática analisada. Para Maffesoli, a necessidade de construção do

entendimento da noção de cotidiano na relação com o empírico se deve ao fato de que "[...] há uma noção de cotidiano feita de gestos, de palavras, de teatralidade, de obras em caracteres maiúsculos e minúsculos, do qual é preciso que se dê conta" (MAFFESOLI, 1988, p.36). Nesta direção, uma definição conceitual ou estanque da noção de cotidiano estaria desconsiderando o aprimoramento da própria noção a partir da novidade do contexto investigado. Faz-se necessário, alerta Maffesoli (1988), uma postura reflexiva que não reduza a complexidade da vida social em detrimento de conceitualizações universais. Sendo assim, dar voz aos indivíduos que vivenciam essa problemática investigada é um dos pontos de partida para a própria construção e compreensão da noção de cotidiano.

Sobre as políticas radiofônicas do Movimento Sem Terra

A comunicação vem gradativamente ocupando espaço na agenda do Movimento Sem Terra[4] e é crescente a preocupação de seus lideres em dar direcionalidade política aos veículos desenvolvidos por seus militantes. Como salienta Xavier, da Coordenação Nacional do MST "[...] a comunicação sempre foi importante para o MST, mas não podemos deixá-la solta de uma linha política, pois ela também é uma estratégia para nossa luta". De acordo com Xavier, o MST, ao longo dos seus 25 anos, não apenas buscou desenvolver meios de comunicação, mas também orientar, por meio de alguma literatura, todas as ações de mídia possível. Em consequência, construíram-se matrizes teóricas sobre comunicação, que até o momento somam o total de quatro documentos[5].

As políticas comunicacionais instauram-se como um campo de conduta; de modos de ser para os que atuam em seus veículos. Lugar de conhecimento sobre alguma atividade a ser conduzida. São documentos que se caracterizam como aportes teóricos ou fontes de saber para os que militam na comunicação. Se tais políticas

[4] O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é o maior movimento social do Brasil na atualidade (CARTER, 2010). É difícil estabelecer uma data especifica para o surgimento do MST. Na literatura visitada, é consenso que as estruturações identitárias e fundacionais desse movimento se deram a partir da década de 70, período onde se intensifica a exploração capitalista no Brasil. A primeira ação do MST ocorreu na região de Ronda Alta, norte gaúcho no ano de 1979, quando mais de 300 famílias ocuparam as fazendas Macali Brilhante. No dia 25 de julho de 1981, dia do trabalhador rural, mais de 30 mil pessoas reúnem-se no acampamento Encruzilhada Natalino, no município de Sarandi (RS), "[...] solidificando o que conhecemos hoje por Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra" (STEDILE, FERNANDES, 1999, p. 22).

[5] Os documentos são: Documento básico da atuação do Setor de Comunicação; Agitação e propaganda no processo de transformação social; As Rádios do MST; Hegemonia, Política, Comunicação e Cultura.

comunicacionais visam conduzir, em certa medida elas prenunciam o melhor caminho. Em outras palavras, como as de Maffesoli (1988, p.202),

> [...] o político pretende, o que é normal, ajustar esta ou aquela realidade à sua própria concepção de realidade. Sua preocupação programática o leva a recusar e, não raro, combater tudo o que não se harmoniza com sua concepção.

Devido inúmeras experiências e demandas por comunicação, a elaboração documental do MST apresenta proposições genéricas que visam dar conta dessa diversidade. Por outro lado, a intenção, em meio a essa complexidade "[...] é manter em cada documento o mesmo discurso político, para que todos os nossos veículos sigam o mesmo caminho"[6].

Ao questionar os locutores da Rádio Terra Livre FM, como também Xavier, sobre a relação entre políticas radiofônicas e a prática desta emissora, obtivemos respostas similares como: "[...] esse é o grande problema do MST com todos seus meios de comunicação: fazer com que eles funcionem de acordo com as nossas linhas políticas". Para Antunes, locutor do programa Salada Mista, "[...] essa luta com os documentos é uma das mais bravas pra nós aqui na rádio. Por mais que seja um povo que esteja num assentamento do MST, tem alguns que o que importa são as coisas mais aqui do assentamento". Percebe-se, que "[...] no plano dos fatos [da vida cotidiana] a pluralidade de representações provoca um curto circuito num saber generalizante (...) e é neste sentido que totalitarismo político e saber total acham-se intimamente relacionados" (MAFFESOLI, 1988, p.84).

Ampliando a exposição desta problemática, apresentam-se, abaixo, o desenvolvimento e o resultado do grupo focal realizado com os comunicadores da Terra Livre FM e o documento 'As Rádios do MST'. O objetivo foi identificar os motivos e consequencias dessa tensão deflagrada entre políticas radiofônicas; demandas do cotidiano dos ouvintes e o funcionamento da emissora.

O Documento 'As Rádios do MST' e os comunicadores da Rádio Terra Livre FM

Ao pegar o documento sobre a mesa, Almeida exclamou: "[...] esse documento nós já usamos em um encontro de formação, inclusive aquele folder que fizemos da

[6] Santana é um dos fundadores do MST. Atualmente é assessor de Brigadas Educativas do governo Hugo Cháves, na Venezuela.

rádio foi em cima disso". Enquanto Almeida folheava o documento, Élen, locutora do programa Manhã no campo, destacou:

> [...] eu acho que o mais complicado do documento é essa parte aqui: *'A programação das nossas rádios tem que ser a voz do MST'*. Temos que ver que se formos somente a voz do MST pode ser que o povo não goste muito (...). As vezes eles acreditam mais no que o vizinho diz do que no Movimento.

Para Elenice, locutora do programa Manhã no campo, a Terra Livre FM sempre funciona em defasagem com a orientação política deste documento, especialmente por que a emissora preza pela proximidade com o cotidiano dos ouvintes. Quer dizer, "[...] se há desafeição pelas ideologias distantes, é porque assistimos ao aparecimento de uma multiplicidade de ideologias vividas no dia a dia – e que se assentam em valores de proximidade" (MAFFESOLI, 1988, p.254).

Complementando Eleanice, Almeida ressalta:

> [...] olhem o objetivo número dois [do documento]: *'A programação das nossas rádios deve refletir os princípios políticos e organizativos do MST'*. Se fizermos muito isso, muitos ouvintes vão bater de frente com a gente. Eles querem mais é escutar outras coisas [...]. Esses dias uma guria na escola que me disse que eu tava tocando muita música diferente, tipo do Movimento, que por isso meu programa tava ficando meio enjoado.

Um consenso entre comunicadores é o de que o conteúdo produzido apenas pela racionalidade política tem sido uma das principais tensões para o bom funcionamento da Terra Livre FM, pois segundo Almeida "[...] as pessoas buscam mais a rádio para coisas mais do dia a dia e não tanto para outras coisas, tipo do Movimento".

A discussão ficou mais intensa após Jhonatan fazer a leitura do terceiro artigo do documento:

> A maioria das famílias Sem Terra está acostumada a ouvir músicas comerciais, como sertanejas, internacionais, pagodes, etc. Essas músicas são lixos que a burguesia empurra 'goela abaixo' para os pobres, porque elas não têm conteúdo, só degradam a mulher, os negros, os pobres e a família. As letras não passam nenhum tipo de mensagem sobre o sofrimento do povo excluído, muito pelo contrário, servem para alienar e anestesiar a população para que não se revolte contra o sistema capitalista (MST, 2004, p. 02).

Para Jonathan, essa política pouco se efetivou na historia da Rádio Terra Livre FM:

> No meu programa o povo pede de tudo, que até eu fico perdido as vezes (...). Eu não sei quando que esse objetivo se cumpriu aqui na nossa

> rádio. Agora a gente até que está cuidando um pouco disso, de não tocar qualquer coisa, mas teve um tempo atrás que tocava de tudo. Dava até para trocar o nome da rádio: de Rádio Terra Livre para rádio música livre.

Há indícios, na tensão observada, que o motivador principal é politeísmo de valores do cotidiano que entram em ação, como o estético, o religioso, o cultural, o supérfluo, o lúdico, a paixão e o imaginário. A vida cotidiana apresenta sempre várias possibilidades, pois não é unívoca; é composta de "[...] pequenos nadas, estas minúsculas brechas, estas criações em tom menor que constituem a vida de todos os dias" (MAFFESOLI, 1988, p.68).

Para a locutora Élen, o problema vivenciado pelos comunicadores da Terra Livre FM é "[...] divulgar o que o MST deseja e o que realmente os ouvintes querem ouvir". De acordo com o documento em discussão,

> As Rádios do MST são uma ferramenta para: a) fazer o debate com a sociedade sobre o modelo de desenvolvimento para o campo; b) fazer propaganda das conquistas da Reforma Agrária; c) conscientização da população para a necessidade da Reforma Agrária; e) ser um instrumento de ajuda na organicidade das famílias assentadas e acampadas. Ou seja, as rádios têm que como meta fortalecer os objetivos gerais do MST (MST, 2004, p. 3).

Rosangela[7], locutora do programa Juventude de atitude, comenta que muita coisa mudou nos assentamento desde a ocupação das terras pelo MST, no ano de 1985: "[,,,] é claro que não devemos perder o nosso objetivo de luta (...), mas não podemos achar que sempre vamos agir, assim, tudo certinho, sabe, ou tão perfeito como isso quer da gente aqui [em referência ao documento]". Neste caso observado é sempre preciso lembrar que "[...] a fragilidade, o erro e a verdade local fazem igualmente parte da dinâmica cognitiva (...). É preciso deixar espaço à imaginação, à incerteza, à audácia do pensamento" (MAFFESOLI, 1988, p.132); fatores pouco identificados nas políticas comunicacionais deste documento estudado.

Almeida mais uma vez reforça a importância de a rádio estar em sintonia com a comunidade, buscando ser claro quando objetiva comunicar conteúdos de cunho mais ideológico:

> Nós devemos estar cientes de que essa rádio está inserida dentro de uma comunidade, com pessoas de vários tipos de pensamento. Se a gente

[7] Rosangela não é filha de assentados, mas de compradores de lote e, segunda ela, "[...] estou na rádio porque gosto de mexer com isso e pelas amizades, mas meus pais não concordam muito".

> luta por uma comunicação mais política a gente tem que saber o jeito de chegar nesse povo. Não adiante chegar ali na frente e ler um texto de Marx e querer que todo mundo escute o texto de Marx. Porque até eu não consigo escutar muito, porque ficam umas coisas estranhas na cabeça da gente. A gente tem que fazer um trabalho mais macio, com mais calma.

O comunicador ainda pontua, que esta 'perspectiva politizante' da Terra Livre FM entra em atrito com seus objetivos de aproximação com a comunidade: "[...] a vida de alguns camaradas, ouvintes da gente, querem mais é saber do abraço que a gente manda pro seu parceiro do gole e da fuzarca mesmo". Para Almeida, a Terra Livre FM distancia-se dos seus ouvintes ao não levar em conta a riqueza das possibilidades que emergem da socialidade: "[...] tem muito comunicador bom aqui, mas o problema é que a coordenação não aceita por causa dessa política". Segundo Maffesoli, "[...] de tanto nos interrogarmos sobre a sociedade ou sobre os elementos puramente racionais, intencionais ou econômicos que a constituem, terminamos por deixar de lado a socialidade" (1988, p.196).

Apontando nessa direção, Rosangela conta que

> [...] muitas lideranças acham que aqui nos assentamentos são só flores, onde todos estão organizados, pensando no outro, ajudando na organização e defendendo o MST. Mas no fundo isso não está tão bem assim. Então isso é um desafio para a gente fazer uma rádio mais fechada para o Movimento.

Outro ponto de discussão, semelhante aos que destacaram Rosangela e Maffesoli, girou em torno do último artigo do documento:

> Se não garantirmos uma direção política para nossas rádios, nunca alcançaremos os objetivos políticos, portanto ou garantimos direção política ou não existe uma razão para gastarmos forças e investimentos na montagem e organização das rádios. Todas as Rádios do MST devem estar a serviço da estratégia política (MST, 2004, p. 04).

Mediante esta proposição política, os comunicadores teceram considerações que realçam a importância de uma reflexão sobre o cotidiano onde a emissora está inserida. Para o locutor Fabrício,

> [...] no geral, a nossa rádio tem que estar a serviço dessa estratégia política. É como utopia nossa. Como eu disse antes, têm comunicadores aqui que dão notícias das novelas e tal. Isso não é estar a serviço da estratégia política. Se uma liderança nacional escutar isso, vai pode querer complicar a nossa rádio. Ai a nossa rádio fecha as portas de novo companheirada. Por isso que a gente tem que sempre analisar a nossa

> realidade; para ver como essa comunicação mais política pode acontecer aqui.

Na fala de Fabrício, as políticas radiofônicas são, em certa medida, impermeáveis à dinâmica do cotidiano. A ordem documental é clara: o político em primeiro lugar. Já a socialidade, ou as demandas do cotidiano, estão na margem e precisam ser integradas a partir dessa intencionalidade. Sendo assim, o complicado para o grupo de comunicadores, quando desejam seguir as políticas comunicacionais, é lidar com o que não é "[...] unidimensional no seio da vida social. Porque, em muitos aspectos, ela é monstruosa, fragmentada (...). Em níveis profundos, é o pluralismo que a move". (MAFFESOLI, 1988, p.256).

Para Rosangela, sempre haverá um descompasso entre os objetivos apontados pelo documento e a realidade desta prática radiofônica. Segundo ela, "[...] a gente sempre vai estar nessa, onde muitos ouvintes pedem uma coisa, mas a nossa linha política quer outra (...). Esse documento nunca vai dar conta de tudo". Ou seja, "[...] a vida e sua fecundidade, superam largamente os mecanismos de redução" (MAFFESOLI, 1988, p.72).

O documento em estudo também é motivo de preocupação para Élen, que o vê como um estímulo para o aperfeiçoamento da prática, mas que nem sempre é possível levá-lo a cabo, devido à diversidade das exigências do público ouvinte:

> [...] eu lembrei do despejo das famílias aqui no estado, no mês passado. Teve criança machucada, atropelada pelo filho do fazendeiro e tudo. Ai, quando eu voltava pra casa, veio um senhor, aqui do assentamento e me disse –'olha, vê se parem de falar tanto desse despejo e toquem mais música naquela rádio'. Isso acabou comigo naquele dia.

Para compreendermos esse acontecimento, vivenciado pela comunicadora, é preciso levar em conta que

> [...] a existência cotidiana é fragmentada, polissêmica, feita de sombras e luz ou, numa só palavra, o que é cada vez mais admitido, obra de um homem, ao mesmo tempo sapiens e demens. A não ser que se queira miniaturizá-la, (...) para exercer domínio sobre ela (MAFFESOLI, 1988, p.203)

Na direção do testemunho de Élen, Fabrício evidencia que esta intervenção do ouvinte, identificada como a afetação do cotidiano no funcionamento da Terra Livre FM, é subversiva às políticas comunicacionais do MST.

> Se você for ver o que este senhor pede para a gente rodar na rádio é até meio que subversivo para o Movimento (...). Mas essa é a nossa luta aqui; com esse cotidiano deles (...). O ouvinte parece que está sempre cheio de lixos culturais mesmo e que só detonam com o que a gente defende aqui.

O nosso debate seguiu com a reflexão sobre as causas do fechamento da emissora, que desde a sua fundação, no ano de 1996, esteve fora do ar por mais de seis vezes. Além das dificuldades financeiras, como "[...] o tempo em que a gente não tinha nem como pagar a conta de luz"[8], os comunicadores ressaltam que o problema central foi o desentendimento político entre os locutores da emissora: "[...] chegou uma hora que o jeito era fechar mesmo. Estava pior que a rádio da cidade, só tocando música que o povo pedia, sem uma crítica mais política(...); se deixar vira só bagunça", destaca Élen.

Para o comunicador Almeida, a tensão deflagrada pode ser a evidência de que políticas comunicacionais e o cotidiano dos ouvintes estejam atuando em tempos diferentes: "[...] muitas famílias daqui não estão muito ai para as coisas do MST, ou de querer só um pedaço de terra se elas já têm a terra (...). Elas se interessam mais por outras coisas da vida aqui dos assentamentos". A vida dos assentamentos, que se refere Adones, identifica-se com a perspectiva da complexidade, pois ela não é unívoca; é composta de "[...] pequenos nadas, estas minúsculas brechas, estas criações em tom menor que constituem a vida de todos os dias" (MAFFESOLI, 1988, p.68).

Dar atenção às demandas da vida cotidiana dos ouvintes é a preocupação que orienta os comunicadores no momento: "[...] a gente quer mesmo é ganhar mais ouvintes (...). A rádio precisa disso, mesmo que complique um pouco esse lado mais político", salienta Rosangela.

Fabrício, tomando a palavra, complementa:

> A gente sabe que a nossa rádio deve ser uma estratégia para o MST. Mas estamos agora querendo fazer da rádio uma coisa da comunidade. Eu acho que esse documento servirá para daqui uns tempos, quando a gente estiver mais firme com a audiência. Uma sugestão seria que ele [documento] falasse mais sobre como a gente deve lidar com esse problema ai (...); com essa realidade mais do nosso chão aqui, companheirada.

Para os comunicadores desta emissora, as políticas comunicacionais do MST devem observar com mais cuidado as especificidades de cada experiência de

[8] Fabrício, locutor.

comunicação, pois "[...] cada assentamento tem seus problemas e a rádio deve ajudar nisso. Fazer só coisa sobre política e de conscientização vai fechando muito a rádio para as outras coisas da comunidade, eu acho", explica Jhonatan. Parece-nos que um consenso entre os comunicadores é o de que "[...] a dimensão política é somente um elemento dentre outros da vida social" (MAFFESOLI, 1988, p.218). Neste sentido, "[...] o banal, isto é, o que escapa à imposição dos poderes, pode ser objeto de um real investimento" (MAFFESOLI, 1988, p.229) para as políticas radiofônicas do Movimento Sem Terra.

De 'Comunicar, conscientizar e revolucionar' para 'A voz do povo no ar'

O último ponto de nossa discussão foi sobre a mudança de *slogan* da emissora. Este é o momento em que a Rádio Terra Livre FM "[...] busca atender os desejos da comunidade, pois a rádio tem que estar mais próxima dos nossos ouvintes", afirma Fabrício. Élen também explica que o fenômeno da mudança de *slogan* ocorreu após um trabalho de contato com os ouvintes na comunidade: "[...] havíamos gravado várias vinhetas dos assentados de sugestões sobre a rádio. Aí achamos que o que estávamos fazendo com mais força aqui era a 'Voz do povo no ar'". Já para Fabrício,

> [...] a questão do 'revolucionar', acho que até a palavra é complicada para o nosso povo que já é assentado. Parece que perderam a ideologia mesmo, sei lá (...). A gente utiliza mais a 'Voz do povo no ar', mas não esquecemos que o ideal é 'Comunicar, Conscientizar e Revolucionar'.

Os depoimentos dos comunicadores são indícios de que a identificação dos ouvintes com a emissora, como seu próprio funcionamento, dá-se menos pela perspectiva ideológica do que pelas relações e necessidades do cotidiano. Da mesma forma, "[...] isto significa admitir que as ideologias são perecíveis, efêmeras" (MAFFESOLI, 1988, p.100), não encontrando lugar de destaque no funcionamento desta prática comunicacional.

Na perspectiva de Ronaldo, locutor do programa Cantar do Galo, "[...] quando pensei nessa frase [*slogan*] é porque eu acho que nosso objetivo é dar a voz para o povo, mesmo para aqueles que não estejam muito aí com esse negócio de MST ou de militância". Ser a "Voz ao povo no ar" significa para os comunicadores da Terra Livre

FM uma comunicação mais autônoma das políticas radiofônicas do MST. Como ressalta Jhonatan, estar a serviço do povo é a voz de comando para a Terra Livre FM:

> [...] como a gente quer audiência desse povo temos que ceder pra vontade dele. Temos que fazer um pouco o jogo deles também (...). Pode ser que a gente perca o rumo, se todo mundo pede uma coisa diferente. Alguma liderança vai reclamar, com certeza. Mas vamos chamar o camarada e dizer que a nossa realidade é essa.

Complementando Jhonatan, Maffesoli enfatiza, em seu livro O conhecimento Comum, que "[...] o povo é uma realidade indefinida, massiva, que pode caracterizar-se pela moleza propriamente dita, pela não ação e pelo não lógico" (1988, p.222).

Ao final do encontro os comunicadores concluíram que as demandas que compõe a vida cotidiana deste 'povo ouvinte' são compostas por uma diversidade de valores e prioridades não apenas relacionadas ao campo político, mas principalmente ao lúdico e cultural. Evidencia-se que as demandas da vida cotidiana apresentam sempre várias possibilidades, pois não são unívocas; são compostas de "[...] pequenos nadas, estas minúsculas brechas, estas criações em tom menor que constituem a vida de todos os dias" (MAFFESOLI, 1988, p.68).

A tecnologia radiofônica não é um instrumento

Na discussão desta problemática, a técnica radiofônica também é um importante aspecto a ser considerado. No depoimento de Almeida, percebe-se que o meio radiofônico efetiva-se como um espaço produtor de sentidos[9]: "[...] falar aqui [rádio] é mais do que só falar em qualquer microfone. Isso é um compromisso pra gente, ainda mais quando a coisa tem que ser mais política". Para Haussen (2004) o rádio configura-se como uma estrutura/espaço de produção simbólica e tem um extraordinário poder de tornar acessível à informação, contrariando os que subestimam esse veículo como um mero instrumento técnico, ou que delegam-lhe uma posição secundária diante dos processos comunicacionais. Conforme Ferrareto (2001), o rádio possui linguagens e formatos que orientam suas rotinas produtivas. Para este autor, a emissão da mensagem

[9] Jesus Martín-Barbero (2001), rediscutindo sobre o campo das mediações, convida-nos a reflexão sobre a tecnicidade como dimensão constitutiva das formas de produção de sentido: "Estamos diante da proposta que rompe com a concepção puramente instrumental, passiva, da técnica e que abrirá espaços-chave para novas investigações" (MARTIN-BARBERO, 2005, p. 8 - tradução nossa).

radiofônica também coloca alguns condicionantes como: "[...] a capacidade auditiva do receptor, a linguagem radiofônica, a tecnologia de transmissão e recepção empregada, a fugacidade, os tipos de público e as formas de recepção" (FERRARETO, 2001, p. 25).

Na direção de Ferrareto, Jhonatan comenta que

> [...] é preciso estar por dentro da coisa para fazer os discursos mais políticos. Esses dias veio um companheiro e ficou quase meia hora falando (...). Sabe, meio sem respeitar as vinhetas, o horário dos programas; porque a rádio tem essas coisas, se não ela não funciona. Até parecia que o camarada se achava num comício; aqui não é bem assim.

O rádio deve ser entendido como um agente que apresenta certas condições aos locutores e para as políticas radiofônicas e não apenas como um instrumento ou aparelho transmissor. Na problemática deste artigo, a tecnologia radiofônica confere aos comunicadores a necessidade da aprendizagem, primeiramente para sua apropriação e, posteriormente, para o próprio processo de produção e funcionamento. Para Denise Cogo (2004), a comunicação [radiofônica] possui suas lógicas, "[...] ao mesmo tempo em que também esses atores e movimentos se apropriam e reelaboram tais lógicas, transformando a esfera das mídias em um espaço simbólico de conflitos, disputas e negociações" (COGO, 2004, p. 43): Segundo Fabrício,

> [...] fazer essa rádio funcionar não foi tão fácil, pois não adianta só ter o discurso bonito; a coisa é mais técnica mesmo. Como disse antes o Almeida, ler um texto de Marx aqui é um desafio pro locutor, ainda mais no rádio, que a fala tem que ser bem pronunciada e não dá para enrolar muito, com palavras complicadas.

Dessas inter-relações entre as especificidades do meio radiofônico e os sujeitos que dele se apropriam, emergem novas competências, habilidades e fazeres entre ambos. Direcionando nossa reflexão para a rádio comunitária, iremos descobrir outras dimensões que realçam ainda mais as especificidades desse meio de comunicação no cenário da problemática investigada.

Quando refletimos sobre rádio comunitário devemos considerar que

> [...] a característica principal do veículo continua sendo a da proximidade com a comunidade local. Se a televisão aberta tomou para si o papel que a Rádio Nacional desempenhava, se a globalização e a tecnologia trazem cada vez mais as informações mundiais, cabe justamente ao rádio, devido às suas características inerentes, promover as informações locais (HAUSSEN, 2004, p. 61).

Para Haussen (2004), uma emissora comunitária estrutura-se a partir de demandas locais, especialmente aquelas que dizem respeito às necessidades básicas

como o acesso à informação, divulgação de assuntos que interessam à comunidade; à luta dos sujeitos engajados no debate por melhorias políticas, sociais e culturais. Para Antunes, locutor do Jornal Terra Livre, a Rádio Terra Livre FM se apresenta como um meio de comunicação que atua no sentido de qualificar o trabalho de uma comunidade ou de facilitar o fluxo de informações entre os assentados da região:

> [...] a nossa Rádio deve atender as vontades do povo e falar o que eles querem ouvir. Ela tem que ser um instrumento primeiro para as necessidades dos assentamentos; porque ela é uma rádio comunitária.

Percebe-se, assim, que a rádio comunitária torna-se também um espaço para que o cidadão participe das decisões sobre as políticas locais ou, até mesmo, sobre a necessidade de um tipo de comunicação plural e mais democrática.

Para melhor compreendermos as tensões entre o funcionamento político e as demandas do cotidiano dos ouvintes, Peruzzo (2007) destaca que a natureza de uma rádio é a de transmitir uma programação de interesse social vinculada à realidade local. Ainda destaca que uma emissora comunitária possibilita a participação ativa e autônoma das pessoas residentes na localidade, bem como de representantes de movimentos sociais e de outras formas de organização coletiva na programação, nos processos de criação, no planejamento e na sua gestão. Para Élen, as políticas radiofônicas "[...] podem complicar quando a gente quer mais uma comunicação de rádio comunitária; o MST ficou muito grande para falar muito dele aqui na rádio". Identificando-se com a problemática em estudo, Peruzzo (1998) caracteriza que este acesso é um forte indicador do direito à comunicação e dos processos de democratização social, especialmente porque a rádio comunitária amplia possibilidades de a ação local transformadora, mesmo que conflituosa em alguns momentos.

Reflexões finais

No problema observado, o cotidiano se apresenta como transgressor para as políticas radiofônicas do MST. Primeiramente, porque as políticas radiofônicas têm dificuldade ou se recusam a compreender as demandas do cotidiano. Em segundo, porque tais políticas se assentam a partir de necessidades da própria instituição. Ou seja, de perspectivas ou de uma razão mais totalizadora do que a partir das demandas do

cotidiano, presente e plural, como é o espaço onde se desenvolve está prática de rádio comunitária.

Em certa medida, as políticas radiofônicas, expressas neste documento, objetivam resistir às demandas do cotidiano, por considerá-las menos importantes na luta pela politização. No entanto, a prioridade de uma rádio para a comunidade, ou para a 'voz do povo', coloca em confronto a própria consistência dessas políticas normativas. Esta valorização do cotidiano, pelo funcionamento da Terra Livre FM, extrapola referências até então tradicionais e estáveis, como as objetivadas pelo documento estudado. A vida cotidiana dos ouvintes da Terra Livre FM vem apagando referências historicamente construídas, gerando assim instabilidades para a condução ou o funcionamento político deste veículo de comunicação. No cotidiano, que permeia o funcionamento desta emissora, configura-se uma socialidade não mais orientada por vínculos fortes ou ideologicamente totalizadores, impossibilitando, assim, a Terra Livre FM de ser, unicamente, 'A voz do MST'.

O fenômeno de mudança de *slogan* também é indícios de certo desapego ou autonomia do modo de ser da Terra Livre FM mediante as proposições político-documentais do MST: 'Comunicar, Conscientizar e Revolucionar' atua como utopia ou pano de fundo, enquanto 'A voz do povo no ar' é tomada como parâmetro ou caminho seguro a ser trilhado.

Da mesma forma, a tecnologia radiofônica dinamiza e institui formas de sociabilidades, projetos comunitários, competências individuais; enfim, um espaço potencializador de habilidades, que, no caso observado, impõe suas especificidades para o funcionamento de um ideal político e totalizante. Identificam-se com esta problemática as teses de Michel Maffesoli: da primazia do cotidiano sobre a instituição; do presente plural, sobre o projeto político e linear.

No entanto, mesmo que a Terra Livre FM seja considerada como um instrumento político/politizante pelo documento aqui discutido, avistam-se vestígios de uma reflexão mais complexa sobre a questão. Outro documento, mas ainda em construção e não analisado nesse artigo, aponta reflexões sobre essa problemática, especialmente para as possibilidades de gestão dos veículos a partir das especificidades do cotidiano dos ouvintes: "Criar oportunidades para que o maior número de militantes participe de nossa comunicação; formando os comunicadores para os problemas do dia a dia de nossa base assentada" (MST, 2010), diz o novo documento.

Sendo assim, lançamos a hipótese de que a elaboração político-documental do MST sobre comunicação radiofônica será conduzida, cada vez mais, pelas necessidades da vida cotidiana; da atenção à complexidade tecnológica e à pluralidade dos espaços onde se desenvolvem tais experiências comunicacionais.

Referências

CARTER, Miguel. **Combatendo a desigualdade social:** O MST e a Reforma Agrária no Brasil. Editora Unesp. São Paulo, 2010.

COGO, Denise. **A Comunicação Cidadã sob o Enfoque do Transnacional. In,** PERUZZO, Maria Cicília K. (org.). Vozes cidadãs. São Paulo: Angellara, 2004.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio brasileiro**: uma história de cultura, política e integração. In: FILHO, André Barbosa; PIOVESAN, Angelo. BENETON Rosana (orgs.). Rádio: sintonia do futuro. São Paulo: Paulinas, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum:** compêndio de sociologia compreensiva. São Paulo, Brasiliense, 1988.

MARTÍN-BARBERO, Jesus, REY, Gérman. **Os exercícios do ver**. São Paulo: SENAC, 2001.

_____. **Razón técnica y razón política**: espacios / tiempos no pensados. Revista Latino America de comunicação. Ano 1, n 01.Dez 2005.

MST 2005. **Documento: As Rádios do MST,** 2005**.**

MST 2010. **Hegemonia, Política, Comunicação e Cultura**, 2010.

PERUZZO, Maria Cicilia K. Participación em las rádios comunitarias em Brasil. In. **Comunicación y Sociedad. Dep. de Estudios de la comunicación Social**, Universidad de Guadalajara, n. 32, enero/abril, 1998. Guadalajara, Jaslisco, México, 1998.

_____. **Rádio comunitária, Educomunicação e Desenvolvimento**. In: PAIVA, Raquel (org.). O retorno da comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

STÉDILE, João Pedro. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente.** A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perceu Abramo, 1999.